

Juliana Monteiro é museóloga, com mestrado em Ciência da Informação pela USP e atualmente atua como analista de preservação sênior do Museu da Imigração.

Como as peças do acervo chegam até o museu?

Geralmente, as peças são oferecidas aos museus por pessoas, físicas ou jurídicas, interessadas em, por exemplo, doar, vender, depositar ou legar as mesmas para uma instituição. Esse oferecimento deve ser avaliado por uma comissão técnica, que vai deliberar pelo aceite ou não, com base em diretrizes claras – e que chamamos de política de acervo. No caso do Museu da Imigração, boa parte do acervo é composta por doações de particulares. No momento, nós não estamos recebendo novas aquisições para a coleção museológica, tendo em vista que a política de acervo ainda está em fase de elaboração e validação.

Por quais processos os objetos passam antes de serem expostos? E quais são os profissionais envolvidos nesses processos?

Os objetos, após serem aceitos e adquiridos formalmente para a coleção, devem, preferencialmente, ser fotografados e registrados em fichas ou bancos de dados. A depender das prioridades da instituição, podem entrar já em uma etapa que chamamos de catalogação, que visa aprofundar dados relacionados à história de produção e uso das peças, biografia dos antigos donos, entre outras coisas. Documentar e pesquisar são etapas que não terminam nunca, pois sempre haverá algum dado novo para ser checado e inserido nas fichas dos objetos.

Além dessas atividades, os museus precisam sempre checar o estado de conservação das peças, independente de estarem em exposição ou não. Também é necessário escolher a melhor forma de acondicionar as peças nas reservas técnicas, prevendo materiais adequados para confecção de embalagens. Também é preciso prever as melhores formas de armazenar as peças, de modo que as embalagens não fiquem amontoadas ou fazendo qualquer tipo de pressão umas sobre as outras. Tudo isso é feito para prolongar a vida dos objetos, retardando efeitos naturais de degradação do tempo.

A limpeza das áreas de guarda e de exposição faz parte dessas rotinas de conservação, sempre com materiais adequados para a conservação dos acervos. A checagem periódica das áreas também é necessária para conferência de eventuais riscos que janelas, portas, teto e outros aspectos da arquitetura podem oferecer.

Os profissionais são vários: profissionais de documentação e de conservação e também equipe de limpeza e infraestrutura.

Quais são as etapas para a criação de uma exposição?

Cada exposição tem uma forma de ser elaborada. Mas, em termos gerais, podemos dizer que uma exposição começa com o estabelecimento de um determinado recorte, que pode ser o conjunto de objetos de uma coleção que estão sendo pesquisados e que representam um todo coeso o suficiente para ser trabalhado como exposição, ou mesmo um tema que se deseja tratar por meio da linguagem expositiva. A partir da definição do que se deseja falar ou apresentar, a curadoria terá um norte para ser desenvolvida.

Será preciso selecionar objetos e/ou recursos (como vídeos, áudios etc.) que colaborem para a comunicação dos conteúdos da mostra. Esses itens podem ser da própria instituição ou podem ser emprestados de outras, o que dispara outro processo de trabalho específico. Paralelamente, os textos curatoriais vão sendo preparados, assim como legendas das peças e toda a parte de definição de parâmetros de projeto visual da exposição.

A elaboração do projeto em si da mostra também acontece ao mesmo tempo, para pensar no mobiliário que vai ser usado para transpor as ideias curatoriais, usando objetos, recursos diversos e textos, para o espaço que se tem. Com a definição do projeto expográfico, inicia-se a fase de montagem, que vai da preparação pesada do lugar, envolvendo pintura de paredes e chão, instalação de mobiliário e outras estruturas expositivas, até a montagem final, que envolve a colocação dos objetos em vitrines etc.